

ESTUDO DE PLANTAS NÃO CONVENCIONAIS PARA FINS ALIMENTARES EM SÃO LUÍS-MA: produção, comercialização e consumo

Alice Maria Pinto Pinheiro ¹

Roberta Almeida Muniz ²

Georgiana Eurides de Carvalho Marques ³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo caracterizar o potencial das Plantas Não Convencionais (PANC) em São Luís – MA. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo e levantamento bibliográfico, baseados nos aspectos de produção, comercialização e consumo. Os locais da pesquisa foram os polos de produção de hortaliças e as principais feiras de São Luís. A pesquisa se caracteriza com descritiva e exploratória com aplicação de questionários, observações in loco e análise de dados coletados. Ao final pretendeu-se contribuir para o resgate, conhecimento e valorização das PANC's a fim de possibilitar a busca por uma alimentação saudável, de fácil acesso e com valor nutricional adequado para a população.

Palavras-chave: Alimentação, Entrevista, Plantas, Consumo.

INTRODUÇÃO

A alimentação é uma necessidade fisiológica básica, um direito humano e um ato sujeito a tabus culturais, crenças e diferenças no âmbito social, étnico, filosófico, religioso e regional. O ato de alimentar-se incorpora a satisfação das necessidades do organismo e também se configura como uma forma de agregar pessoas e unir costumes, representando assim um ótimo método de socialização. Mezomo (2002) define hábitos alimentares como os atos concebidos pelos indivíduos em que há seleção, utilização e consumo de alimentos disponíveis.

Esses sistemas classificatórios da cultura alimentar foram socialmente construídos com o decorrer do tempo, através da história da humanidade. Fazendo-se um retrospecto sobre a alimentação brasileira, pode-se observar que ao longo do tempo ela foi sofrendo influência dos processos colonizadores e imigratórios, além de transformações causadas por guerras e pela globalização. Tais fatores foram fundamentais para o estabelecimento da cultura alimentar brasileira, bem peculiar, dotando nosso ato alimentar de riqueza cultural e social.

¹ Graduanda do Curso da Licenciatura em Biologia do Instituto Federal do Maranhão- IFMA, alice.pinheiro@gmail.com;

² Professora do Departamento Acadêmico de Química do Instituto Federal do Maranhão- IFMA, roberta@ifma.edu.br;

³ Professora Doutora do Departamento Acadêmico de Química do Instituto Federal do Maranhão- IFMA, geurides@ifma.edu.br;

Atualmente, vivemos um período de transição nutricional que se caracteriza por mudanças seculares em padrões nutricionais que resultam de modificações na estrutura da dieta dos indivíduos e que se correlaciona com mudanças econômicas, sociais, demográficas e relacionadas à saúde. Tal transição converge para uma dieta rica em gorduras (particularmente as de origem animal), açúcar e alimentos refinados e reduzida em carboidratos complexos e fibras, conseqüentemente, em hortaliças e frutas (DIAS, 2005).

As mudanças na alimentação dos brasileiros são decorrentes do aumento da ingestão de alimentos industrializados, alimentos ricos em gordura e açúcar e a diminuição do consumo de frutas, verduras e leguminosas. Os hábitos alimentares atuais têm sido influenciados pelos progressos na indústria de alimentos e na agricultura e têm-se tornado alvo de preocupação no campo da saúde, desde que estudos epidemiológicos evidenciam o aparecimento de doenças crônicas relacionadas à alimentação. O formato “fast food” satisfaz os indivíduos devido ao seu cardápio diversificado e a sua praticidade. A população brasileira vem adotando os alimentos industrializados cada vez mais em sua alimentação, em face da propaganda e ofertas, da sua praticidade, por serem alimentos apetitosos e por produzir maior saciedade, pela ampla variedade e pela fácil aquisição.

Por outro lado, não se pode ignorar os anseios vividos por pessoas de baixa renda quando falamos sobre alimentação. A fome e a desnutrição são hoje realidades marcantes e incontestáveis no cenário socioeconômico do mundo subdesenvolvido e dos chamados países em desenvolvimento, tais como o Brasil (ANDRADE e CARDONHA, 1998). Estudos relatam que 31% das crianças brasileiras maiores de 5 anos apresentam desnutrição, sendo que 5% destas são desnutridas em grau moderado ou grave (NOGARA, 1997). O Estado do Maranhão destaca-se pelo seu alto percentual de insegurança alimentar dado em 73,5% em 2004 e 69,1% em 2009, muito superiores aos registrados no Nordeste (59,0% e 50,3%) e no Brasil (39,9% e 34,2%) nos anos 2004 e 2009. No Maranhão havia mil pessoas em situação de insegurança alimentar em 2004 e 4.466 mil em 2009, das quais 2.747 e 2.195 estavam em situação de insegurança moderada ou grave, nos respectivos anos (GAEPP, 2014).

Este problema parte de uma situação óbvia: o deficiente acesso à alimentação. Se isto se torna difícil, sejam quais forem os motivos, surge então, a necessidade de se encontrar alternativas que permitam a estas pessoas obterem os nutrientes necessários à manutenção de sua boa saúde (BRANDÃO e BRANDÃO, 1996). Dentro deste contexto, surgiu a Alimentação Alternativa (AA), nome que está sendo usado para designar a proposta de promover o uso de alimentos não convencionais ou subprodutos agroindustriais, que são acessíveis a toda a população (CÂMARA, 1998).

Neste contexto, surge a ampla divulgação das Plantas Alimentícias Não Convencionais, (PANC's), que são as plantas que deveriam ter um maior consumo, mas infelizmente ainda não alcançaram maior notoriedade. As plantas que conhecemos, produzimos e comemos no dia a dia, sendo chamadas de plantas alimentícias convencionais. As que não se conhece, não se produz ou consome pouco são denominadas Plantas Alimentícias Não Convencionais, ou PANC. O termo Alimentícias quer dizer que são plantas usadas na alimentação, como verduras, hortaliças, frutas, castanhas, cereais e até mesmo condimentos e corantes naturais. O termo Não Convencionais significa que não são produzidas ou comercializadas em grande escala, cujo cultivo e uso pode cair no esquecimento (RANIERE, 2017).

Atualmente observar-se o estudo e uso na gastronomia das PANC's. Essas plantas são muitas vezes desconhecidas e desvalorizadas, pois são vistas como pragas ou ervas daninhas. No entanto possuem um valor nutricional, são bem adaptáveis para o cultivo. Pode-se considerar como PANC algumas plantas comuns, como a batata doce, que normalmente consome-se somente o tubérculo, descartando-se o restante (folhas e caule), sendo que os mesmos também podem ser consumidos. Portanto, as plantas alimentícias não conhecidas pela maioria das pessoas e as partes não usuais de plantas conhecidas podem ser classificadas como PANC (LORENZI & KINUPP, 2014).

O termo PANC foi criado em 2008 pelo Biólogo e Professor Valdely Ferreira Kinupp e refere-se a todas as plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, sendo espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas que não estão incluídas em nosso cardápio cotidiano. Existe no Brasil pelo menos 3 mil espécies de plantas alimentícias com ocorrência conhecida no Brasil. Estima-se que em nosso País pelo menos 10% da flora nativa (4 a 5 mil espécies de plantas) sejam alimentícias (KELEN et al, 2015).

Neste cenário, as PANC's se caracterizam como uma boa alternativa para inclusão de nutrientes na dieta alimentar, pois são mais baratas, são acessíveis e podem contribuir para a busca de uma alimentação saudável. Apesar disso, no Maranhão o consumo das PANC's ainda é pequeno, pois não são bem conhecidas e continuam desvalorizadas, até mesmo pelos agricultores familiares que a cultivam. Diante do exposto, o presente trabalho teve por objetivos identificar as PANC's mais comuns cultivadas pelos agricultores familiares nos polos de produção do município de São Luís, a sua presença nas feiras de comercialização e preferência dos consumidores em relação ao seu consumo.

METODOLOGIA

Para compreender a precedência da população em relação as PANC's, foi construído um questionário com base no levantamento bibliográfico realizado e nas observações em campo

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

desempenhadas. A escolha e composição de cada pergunta do questionário foi pensada com a estratégia de facilitar o entendimento do entrevistado, podendo ser realizada em um curto espaço de tempo, possibilitando o mínimo de interrupção possível na atividade do participante. Além disso, foi uma excelente ferramenta para uma maior intimidade entre entrevistador e entrevistado, possibilitando maiores perguntas, como idade, área, tempo e período de produção, espécie, motivo de preferência, dificuldades e outras perguntas. Marconi e Lakatos (2005) acrescentam que a pesquisa necessita de tratamento científico, e objetiva o conhecimento de uma realidade ou de verdades parciais.

Havia 3 questionários, direcionados ao Agricultor, Feirante e Consumidor. No questionário direcionado ao Agricultor, eram dispostas 4 perguntas onde ele poderia informar se sabia o que eram Plantas Alimentícias Não Convencionais, se realizava o plantio delas, se tinha um bom retorno financeiro e se conhecia os benefícios de sua utilização, visto que muitos agricultores além de venderem seu plantio, também consomem em suas casas.

No questionário direcionado ao Feirante, eram dispostas 4 perguntas onde ele informaria se ele identificava o que eram PANC's, se ele tinha o hábito de vender PANC's, se discernia os benefícios de sua utilização e se havia retorno financeiro.

E no questionário voltado ao Consumidor, eram entregues 4 perguntas onde ele responderia se sabia o que eram PANC's, se consumia, se conhecia os benefícios desse consumo e se encontrava com facilidade nas feiras de São Luís.

DESENVOLVIMENTO

Durante a aplicação do questionário, foi utilizada uma cartilha sobre PANC's produzida pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA), que contém imagens de PANC'S, sua importância e seu valor nutricional, como mostra a Figura 1.

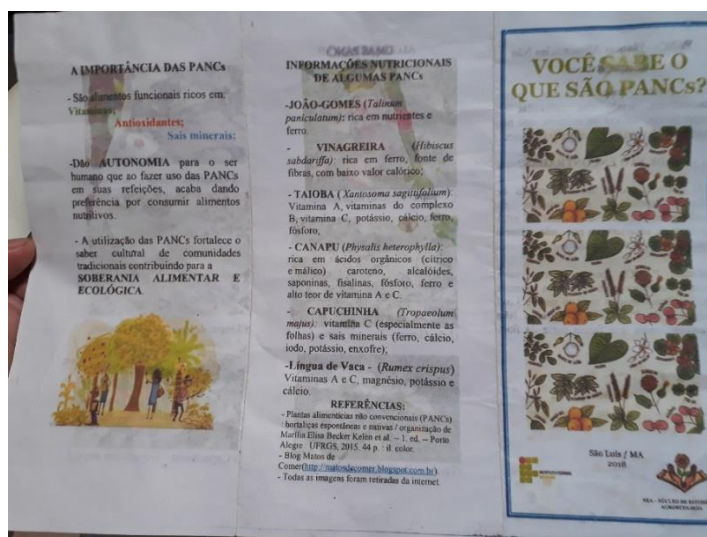


Figura 1: Cartilha sobre PANC's.

Fonte: Autora (2019)

A pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2018 e março de 2019, e os dados foram coletados em 4 grandes feiras de São Luís, nas feiras dos bairros Jardim América, Anjo da Guarda, João Paulo e Cohab. Em cada feira foram aplicados 45 questionários, como mostra a Figura 2, totalizando 180 amostras. Kotler (2006) enfatiza que o processo de pesquisa pode ser classificado como um processo comunicativo entre o pesquisador e o pesquisado, mostrando a importância das entrevistas.



Figura 2: Entrevista com feirante.

Fonte: Autora (2019)

Os dados coletados foram tabulados utilizando-se o software Microsoft Excel e foram definidas as seguintes variáveis: gênero (masculino e feminino), faixa etária (adolescente, adulto ou idoso), e se era Agricultor, Feirante ou Consumidor. Para estabelecimento das faixas etárias, os indivíduos foram agrupados pelas idades: adolescentes, abaixo de 19 anos; adultos de 20 a 59 anos e idosos, acima de 60 anos, segundo distribuição da Organização Mundial de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 180 participantes, 42% eram do sexo masculino e 58% eram do sexo feminino.

Dos agricultores entrevistados, 66% eram do sexo masculino e 34% eram do sexo feminino.

Dos feirantes entrevistados, 36% eram do sexo masculino e 64% eram do sexo feminino.

Dos consumidores entrevistados, 26% eram do sexo masculino e 74% eram do sexo feminino.

No que diz respeito às pesquisas, os 20 agricultores entrevistados do sexo masculino responderam da seguinte forma, como aponta a Figura 3:

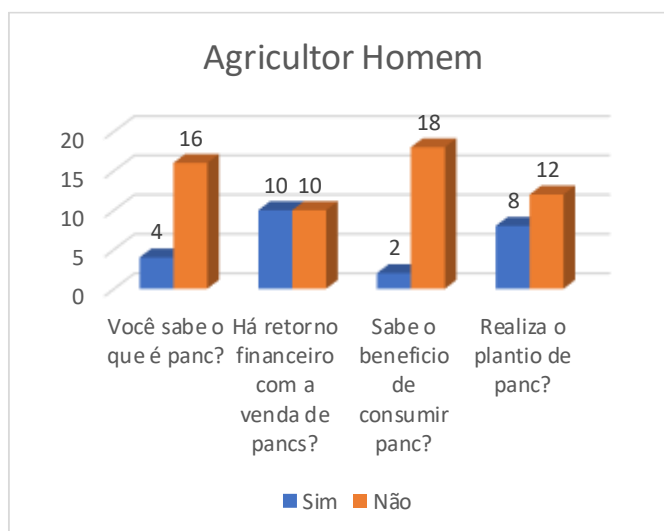


Figura 3: Questionário aplicado o agricultor.

Fonte: Autora (2019)

As 39 agricultoras do sexo feminino responderam da seguinte forma, como aponta a Figura 4:

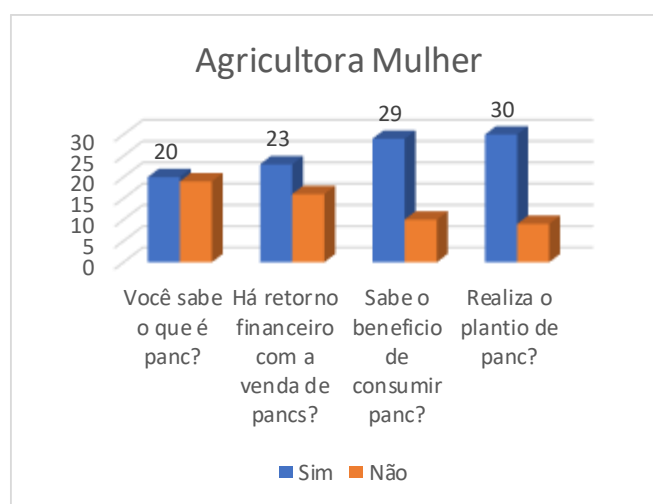


Figura 4: Questionário aplicado à agricultora.

Fonte: Autora (2019)

Sobre os Feirantes, se obteve o seguinte resultado:

Os 41 feirantes do sexo masculino responderam da seguinte forma, como mostra a Figura 5:

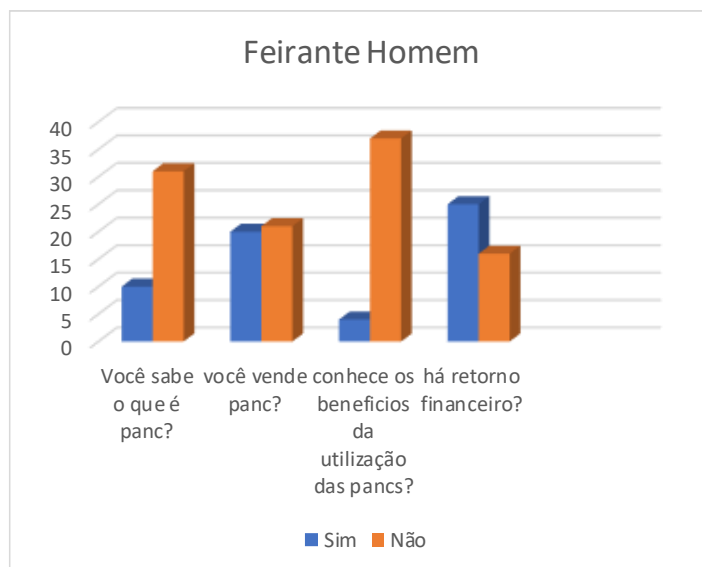


Figura 5: Questionário aplicado ao feirante do sexo masculino.

Fonte: Autora (2019)

Quanto aos 23 Feirantes do sexo feminino se obteve os seguintes resultados, como mostra a Figura 6:

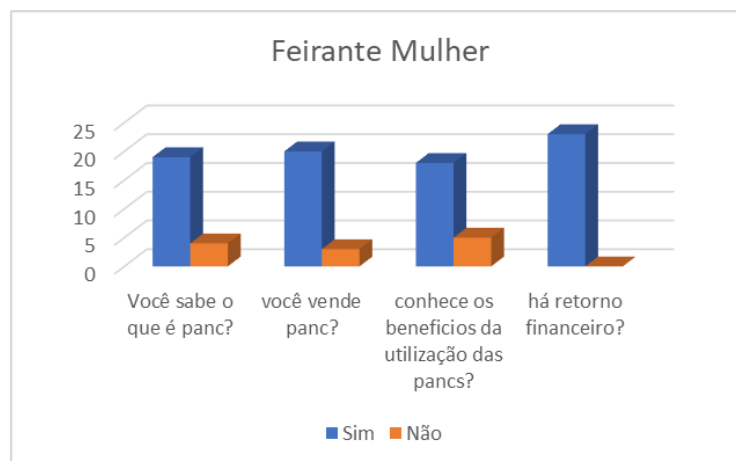


Figura 6: Questionário aplicado à feirante do sexo feminino.

Fonte: Autora (2019)

Sobre os Consumidores, a pesquisa obteve a seguinte resposta:

Os 15 consumidores do sexo masculino responderam conforme a Figura 7:

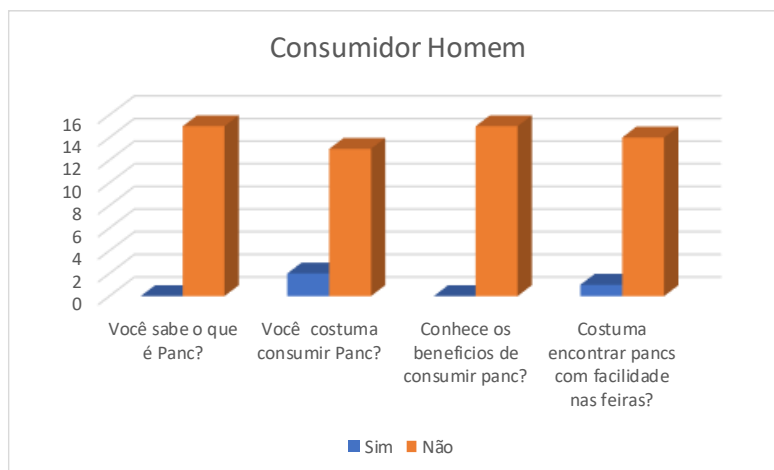


Figura 7: Questionário aplicado ao consumidor.

Fonte: Autora (2019)

Os 42 consumidores do sexo feminino responderam conforme a Figura 8:

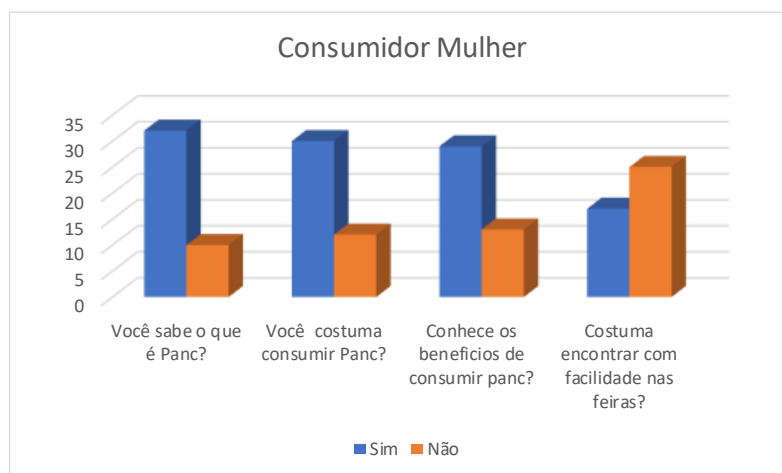


Figura 8: Questionário aplicado à consumidora.

Fonte: Autora (2019)

Quanto à faixa etária participante da pesquisa, se obteve o seguinte resultado, como mostra a Figura 9:

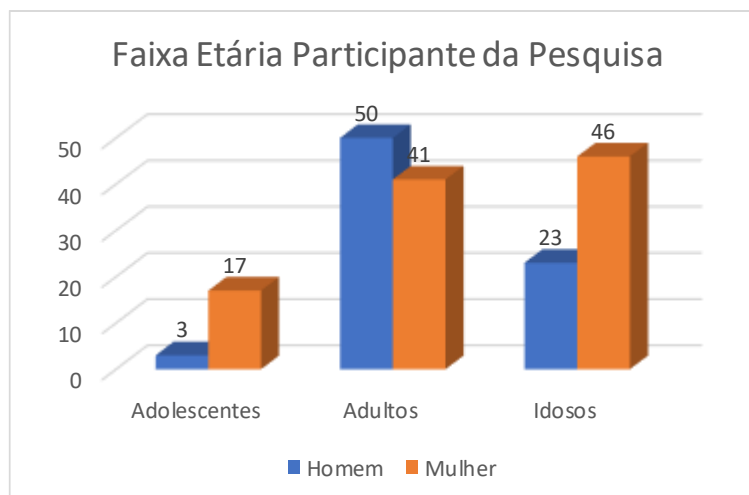


Figura 9: Faixa Etária dos entrevistados.

Fonte: Autora (2019)

Quanto à frequência de consumo por faixa etária, se obteve os seguintes resultados, como mostra a Figura 10:

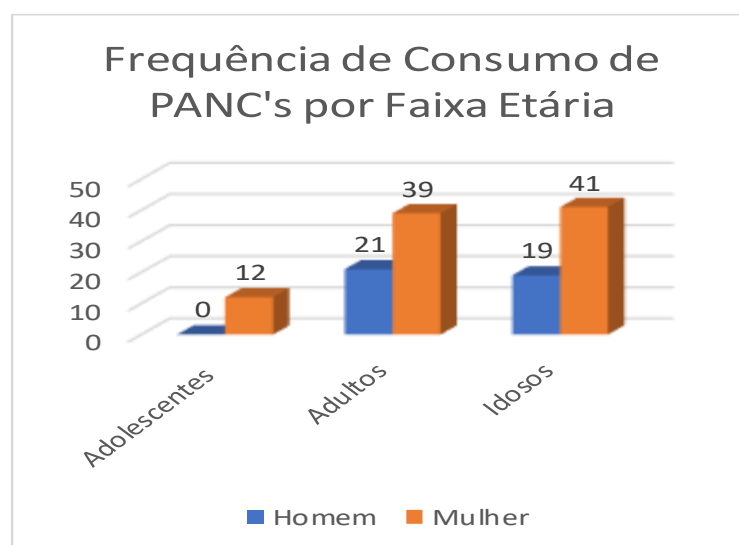


Figura 10: Frequência de consumo por faixa etária.

Fonte: Autora (2019)

É importante ressaltar a grande presença feminina nesta pesquisa, o que levou à muitas reflexões:

Só houve maioria masculina quando os feirantes foram entrevistados. De acordo com o IBGE (2000) apesar das mulheres rurais não serem maioria, elas representam 45% dessa população.

Os homens se dedicam ao trabalho na lavoura e às atividades que se destinam ao comércio e as posições políticas da sociedade como participação em cooperativas, associações, acesso a financiamentos em bancos, etc. O trabalho da mulher está mais próximo da casa: as pequenas criações (vacas de leite, galinhas, porcos), a horta ou dentro da própria casa; o cuidado e educação dos filhos, preparo das refeições, limpeza da casa, cuidado com as roupas, ou seja, as tarefas rotineiras. Esses são os trabalhos considerados leves (JALIL, 2009).

Em todos os segmentos, o gênero feminino demonstrou saber o que é PANC e conhecer seus benefícios em mais de 60% das entrevistas. Vale ressaltar que também foi o gênero que mais se envolveu nas entrevistas, principalmente as idosas. Mesmo as que somente conheciam algumas espécies de PANC's, buscavam também conhecer outras espécies, receitas e outros tipos de uso durante a pesquisa, ajudando em uma troca de experiências muito satisfatória.

Muitas agricultoras demonstraram interesse em conhecer mais sobre PANC's para aumentar suas próprias plantações. Muitas também alegaram ter uma horta própria de PANC's, mesmo não incorporando nas vendas. A maior reclamação por parte delas foi no retorno financeiro. Várias disseram que o maior interesse em plantar PANC's vem por parte do consumo próprio, não havendo demanda nas feiras.

Quanto aos agricultores do sexo masculino, a maioria não sabe o que é PANC e nem conhece seus benefícios. Dos agricultores que alegaram realizar o plantio, todos sem exceção disseram ser influência da esposa ou companheira. Metade dos agricultores entrevistados também afirmaram que não há retorno financeiro na venda de PANC's, e por esse motivo, não tem interesse em conhecer e realizar seu plantio.

A maioria dos feirantes entrevistados eram do gênero masculino. Quase todos alegaram não conhecer o que é PANC e nem conhecer seus benefícios. A maioria não vende PANC's e também disseram não haver retorno financeiro. Apesar de não ser maioria neste segmento, as feirantes do sexo feminino apresentaram resultados inversos. A maioria sabe o que é PANC, vende e conhece seus benefícios. Todas alegaram haver retorno financeiro com a venda de PANC's. A razão para tanta diferença talvez seja na localização das feirantes do sexo feminino dentro dos centros de comércio. Todas se encontravam na parte de venda de hortaliças, enquanto que os feirantes do sexo masculino realizavam uma venda mista de hortaliças, verduras e frutas, e estavam espalhados em diferentes locais das feiras, muitas vezes em lugares não estratégicos, como longe dos corredores de maior circulação.

Os resultados com os consumidores do sexo masculino foram quase nulos. Além de eles não serem a maioria em nenhuma das feiras visitadas, nenhum sabe o que é PANC e nem conhece seus benefícios. Apenas 2 dos 15 entrevistados dos consumidores do sexo masculino afirmam

consumir PANC em suas próprias residências e somente 1 disse encontrar com facilidade nas feiras. Essa mesma reclamação esteve presente entre as consumidoras do sexo feminino. A grande maioria disse não encontrar PANC's nas feiras e também demonstraram grande interesse neste consumo, pois grande parte delas conhece seus benefícios e também costuma consumir em suas residências.

Quanto à análise por faixa etária, houve predominância entre adultos do gênero masculino. Também houve uma significativa presença de idosos do gênero masculino. Entre o gênero feminino, a predominância maior se deu entre os idosos. Mas houve também grande parte entre os adultos e um número significativo entre as adolescentes.

Quanto ao consumo por faixa etária, a maior frequência se deu entre os idosos do gênero feminino, seguido pelos adultos do gênero feminino, havendo também consumo entre as adolescentes. No gênero masculino, a maior frequência foi encontrada entre os adultos, seguido pelos idosos. Não houve índice de consumo entre os adolescentes.

Quanto às espécies de PANC's encontradas nas feiras e em agriculturas, Vinagreira (*Hibiscus sabdariffa*) e João Gomes (*Talinum paniculatum*) foram as mais encontradas nas 4 feiras visitadas. Na feira da Cohab, foram encontradas Taiobas (*Xantosoma sagittifolium*). Na feira do Jardim América, foi encontrada Língua de Vaca (*Rumex crispus*), mesmo que em quantidade pequena, no setor de hortaliças terapêuticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aspecto relevante, cito que pude observar a variedade de conhecimento empírico presente nos entrevistados, ocasionando várias interações, o que foi de suma relevância para mim. A participação do público foi muito eficaz, de forma que cada entrevista realizada foi diferente da outra, pois cada um trazia consigo suas experiências de vida. Acredito que com o aumento da divulgação da importância das PANC's nas mídias sociais, entre outros veículos, podemos contribuir para o resgate, conhecimento e valorização das PANC's, a fim de possibilitar a busca por uma alimentação saudável de fácil acesso e com valor nutricional para a população.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.S; CARDONHA, A.M.S. Análise Microbiológica da Multimistura. Anais. XVI Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia de Alimentos, 1998.

BRANDÃO, C. T.; BRANDÃO, R.F. Alimentação Alternativa. Brasília; INAN, 1996. 95p.

CÂMARA, F. S. Multimistura, composição química, fatores tóxicos e/ou antinutricionais. Tese de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Centro de Tecnologia. Universidade Federal da Paraíba. 1998. 64p.

DIAS, A. C.P.; PINTO, N.A.V.; YAMADA, C.T.P.; MENDES, K.L.; FERNANDES, A.G. Avaliação do consumo de hortaliças não Convencionais pelos usuários das unidades do Programa saúde da família (psf) de diamantina – MG. Alim. Nutri., 16(3), 279-284.2005.

GAEPP. Grupo de Avaliação e Estudo da Pobreza e de Políticas Direcionadas à Pobreza, (In)Segurança Alimentar no Estado do Maranhão. Universidade Federal do Maranhão. Janeiro de 2014.

GOVERNO FEDERAL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).Endereço eletrônico <http://www.ibge.gov.br>. Brasília (DF), acesso em 21 de Junho de 2019.

JALIL L.M. Mulheres e Soberania Alimentar: A Luta para a Transformação do Meio Rural Brasileiro. 78 p. Dissertação (Mestrado em ciências sociais). Universidade federal rural do Rio de Janeiro, 2009.

KELEN, M.E.B. et al. Plantas alimentícias não convencionais. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 44p.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. Administração de marketing. 12ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LORENZI, H.; KINUPP, V. F. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil. São Paulo: Plantarum, 2014. 768 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MEZOMO, I. de B. Os Serviços de Alimentação: Planejamento e Administração. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002.

NOGARA, C. D. Farelo de Arroz como Suplemento Alimentar: Avaliação da Ação sobre insulina – lider Grawth factor – 1 e oligoelementos. 28 p. Dissertação (Mestrado em pediatria). Universidade Federal do Paraná, 1997.

RANIERE, G.R. Guia Prático sobre PANC's. 1 ed. São Paulo: Instituto Kairós, 2017. 44p.